

## **SOBREVIVÊNCIA DE UM ESCRITOR — CAETANO MOURA**

**Cláudio Velga**

Este é o julgamento de Sílvio Romero a respeito de Caetano Moura: "(...) um dos mais notáveis prosadores que o Brasil tem possuído. Não foi orador nem político: foi um estudioso que sabia escrever (...) bem merece um lugar em nossas crônicas literárias"<sup>1</sup>. Se, em nossos dias, são mais moderados os elogios a Caetano Moura, não será possível, todavia, concordar com determinada **crônica literária** que, tranqüilamente, passou uma esponja sobre o nome daquele **notável prosador**<sup>2</sup>.

Nas linhas abaixo, em que se procurou traçar a trajetória desse escritor, folgadoamente situado entre os **menores** de nossa literatura, distinguir-se-á, de um lado, o interesse por sua vida, e, do outro, o interesse por sua obra.

## 1 O INTERESSE PELA VIDA DE CAETANO MOURA

O desinteresse pela vida dos escritores é um luxo a que poderiam dar-se os ambientes que, na realidade, já tiveram os seus **Lansons** e os seus **Mornets**. Mas, até naqueles ambientes, a vida dos escritores continua sendo levada em conta, embora se torne mais visceral a abordagem praticada. No que concerne a Caetano Moura, certas circunstâncias, umas relacionadas com as peripécias de uma vida bem singular, outras ligadas à própria feitura de suas produções, é que suscitaram, nos contemporâneos e nos pósteros, explicável interesse pela vida do autor. Tais seriam algumas dessas circunstâncias: escrever e publicar, longe do Brasil, toda a sua obra; viver, no estrangeiro, uma dura existência; participar da aventura napoleônica; deixar um relato de sua vida incomum.

### 1.1 O ESCRITOR DESTERRADO

Em virtude de um exílio voluntário, todos os livros de Caetano Moura foram escritos e impressos na França. Esta particularidade não significaria muito para os leitores brasileiros, se o autor fosse considerado um escritor português. Tal juízo, porém, não podia ser feito, em virtude de uma das pouquíssimas revelações do escritor baiano: costumava indicar no frontispício de seus livros a sua origem — **Natural da Bahia**.

Mesmo em sua província, não devia ser muito conhecido. Havendo deixado a Bahia, logo no início do século XIX, seu primeiro trabalho virá a lume quase quarenta anos depois, a tradução do romance de Walter Scott, **O Tallsmã**, publicado em 1837. Desconhecido na Corte e nos outros centros do país, aquela ausência prolongada esfumaria, em sua terra natal, a lembrança do jovem homem de cor, de origem humilde, que viajara para a Europa. Afora seus modestíssimos familiares, seus escassos colegas das Aulas Régias e poucos alunos particulares de latim, como os irmãos do visconde da Pedra Branca, não devia ter muitos conhecidos na Bahia.

Não deixaria, pois, de intrigar os leitores brasileiros a vida daquele compatriota radicado na França, esquecido ou desconhecido e que, nas vésperas da maioridade de D. Pedro II, mandava para o Brasil livros e mais livros. Índice do interesse provocado pela vida do escritor exilado foi ter-lhe pedido o Imperador que escrevesse sua autobiografia:

“Sua Majestade, o Imperador, me encarrega de participar a V.Sa. o quanto estimaria possuir alguns dados sobre a sua vida! Os acontecimentos principais da existência de um brasileiro de tanto apreço para as pátrias letras e que, apesar de arredado por várias décadas do seu solo natal, nunca deixou de lhe votar o mais entranhado

amor, não podem deixar de interessar fortemente o Mesmo Augusto Senhor que os espera de sua boa vontade para servi-lo com diligência”<sup>3</sup>.

O distanciamento, o exílio voluntário daquele escritor fecundo, mas frugalíssimo em confidências pessoais, não espicaçariam menos a curiosidade dos contemporâneos do que as costumeiras confissões dos escritores românticos.

## 1.2 O ESCRITOR DESVALIDO

Com os numerosos livros mandados a seus leitores do Brasil pelo escritor baiano que morava em Paris, deveriam filtrar-se algumas notícias sobre sua vida. Uma informação que chegou era de molde a fazer de Caetano Moura um émulo dos heróis românticos, espíritos superiores, marcados pelo destino, incompreendidos pela sociedade. Era dura em Paris a existência do apreciado homem de letras. Em trabalho publicado em 1847, referindo-se Inácio Accioli à pobreza de Caetano Moura, critica a indiferença do governo diante da situação<sup>4</sup>. No mesmo livro, porém, em que trata do assunto, Accioli se sente feliz em anunciar as medidas tomadas por D. Pedro II:

“Achava-se ainda no prelo esta nota, quando publicou-se em um dos jornais desta cidade — que S.M. o imperador não só mandara dar ao Dr. Caetano Lopes de Moura uma pensão de 4.800 francos por ano, para nas bibliotecas de França coligir os materiais relativos à geografia do Brasil, mas até o autorizara a corresponder-se diretamente com sua Augusta Pessoa. Este ato da imperial munificência, que acredito verdadeiro, ao passo que eminentemente honra o Excelso Chefe da nação e comprova sua cordial dedicação a proteger e animar a literatura nacional, confirma de sobra a justiça com que escrevi a respeito daquele literato (...)”<sup>5</sup>.

Era, com efeito, verídica a notícia veiculada pela imprensa e reproduzida por Inácio Accioli. Em Decreto de 2 de maio de 1846, concedia D. Pedro II uma pensão a Caetano Moura:

“A mandar dar uma Pensão de quatrocentos francos mensais ao Doutor Caetano Lopes de Moura, residente em Paris, para este remeter memórias Históricas, Geográficas e limítrofes do Império do Brasil”<sup>6</sup>.

Morto Caetano Moura, suas privações serão realçadas no eloqüente e romântico elogio fúnebre, pronunciado pelo autor de *A Moreninha*, em sessão do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro:

“Exemplo ainda superior e mais ínclito (acabava o orador de

falar de outro sócio falecido), exemplo raro de energia de vontade em um combater incessante contra a má fortuna, e de inabalável constância em uma nobre vocação contrariada na infância pela autoridade paterna, por longo tempo depois pela mais cruel pobreza, deixou-nos o nosso ilustrado consócio o Dr. Caetano Lopes de Moura, que morreu este ano em Paris. Triste, mas admirável é a longa e trabalhosa vida deste notável brasileiro, de quem a cidade da Bahia pode ufanar-se de ter sido o berço”<sup>7</sup>.

A **cruel pobreza**, a que se refere Joaquim Manuel de Macedo, é um dos florões da imagem romantizada de Caetano Moura.

### 1.3 O ESCRITOR ENGAJADO NA AVENTURA NAPOLEÔNICA

Além da romântica promoção proporcionada pelo exílio, embora voluntário, e pelas notícias de suas privações, outra circunstância lhe trouxe invulgar prestígio — seu envolvimento nas guerras de Napoleão. Se, em seus versos, Castro Alves deu guarida a Bonaparte, e antes, Gonçalves de Magalhães já havia consagrado a Waterloo uma de suas melhores produções, terá sido Caetano Moura, dentre os nossos homens de letras, quem mais de perto se acercou do Imperador dos franceses. Mas uma coisa são os fatos e outra, a lenda criada por longínquos admiradores.

#### 1.3.1 Os fatos

Teria ouvido, em sua terra natal, rumores do que se passava na França, notícias das primeiras vitórias do herdeiro da Revolução Francesa? É digno de nota que, em 1806, tenha chegado à Bahia, aqui permanecendo por vários dias, Jerônimo Bonaparte, irmão do Imperador dos franceses. Porém, naquela oportunidade, Caetano já se encontrava na França. Mas, quando ainda estava na Bahia, já circulava pela cidade o nome de Bonaparte, de envolta com idéias da Revolução Francesa. O nome prestigioso do general francês, que se cobria de glória na Itália, vinha à baila em reuniões de simpatizantes da **Conjuração dos Alfaiates**.

Não se pode afirmar nem que Caetano Moura tenha sido dos adeptos da conspiração nem que tenha ouvido em **conventículos** o nome de Bonaparte. O que é certo, porém, é que contemporâneo daquele movimento, era leitor entusiasta de autores franceses e admirador da França, para onde, secretamente, ambicionava partir. Em meio a tais circunstâncias, não será despropositado julgar que soubesse da existência do carismático herói.

Entrará, de fato, na órbita de Napoleão, ao desembarcar, em 1803, na França, aonde fora para estudar medicina. Estabeleceu-se,

primeiramente em Ruão, depois em Paris, estendendo-se os seus estudos de 1803 a 1808. Enquanto fazia sua aprendizagem na arte de curar, a França estava a braços com as lutas e reformas empreendidas pelo guerreiro e dinâmico administrador. Os fatos que então sucediam são registrados pela História: Napoleão é proclamado Imperador, sagrado por Pio VII, são travadas as vitoriosas batalhas de Austerlitz, Iena, Friedland e o malogrado combate naval de Trafalgar.

Encontra-se em Paris, quando é pessoalmente envolvido pelas guerras que, assolando a Europa há anos, vinham poupando Portugal, resguardado por embaraçosa neutralidade. Com a invasão de Portugal pelas tropas de Junot, Caetano é levado a engajar-se no contingente de compatriotas, que veio da península até a França para agregar-se ao exército de Napoleão — a Legião Portuguesa. O despreocupado estudante de Medicina se transformará em militar, envergando a farda por uns cinco anos. Entre ele e o Imperador dos franceses se estabelecerão os laços que uniam a tropa ao chefe predestinado. O brado costumeiro — *Vive l'Empereur!* — exclamado pela soldadesca, Caetano o proferirá inúmeras vezes, juntamente com os componentes da Legião Portuguesa.

Mais de uma vez terá oportunidade de aproximar-se de Napoleão. Uma delas foi nas proximidades de Viena, durante os preparativos da batalha de Wagram. A propósito desse encontro, deixa em sua autobiografia um sugestivo instantâneo do chefe supremo<sup>8</sup>.

Em outra oportunidade dirigiu-se pessoalmente a Napoleão para pleitear vantagens<sup>9</sup>. Foi num cenário grandioso, o jardim do palácio das Tulherias, residência imperial. A mando do Imperador, são executadas evoluções pelos batalhões portugueses, durante quase uma hora. Depois, acercando-se da tropa, fez Napoleão uma arenga para predispor a Legião Portuguesa a agir em Portugal contra os ingleses. Finda a cerimônia, Caetano, autorizado pelos superiores, se dirigiu ao Imperador. Eis, sem dúvida, o seu contacto mais importante com Napoleão.

Voltando à vida civil, terá mais uma vez a oportunidade de avistar o Imperador. Foi em Grenoble, durante os **Cem-Dias**. Com efeito, em sua marcha até Paris, depois de abandonar a ilha de Elba, passou Napoleão por aquela cidade, onde Caetano, casado e estabelecido como médico, vivia pacificamente. Apesar de tentado, o antigo cirurgião militar não acompanhou o Imperador. Mas quis vê-lo de perto:

“Era, na verdade, o mesmo que tantas vezes já havia visto em Paris, já na Alemanha, no campo de batalha; parecia-me, porém, que já não tinha aquela seguridade de ânimo que, em outro tempo lhe transluzia no semblante, que se lhe divisavam nele uns longes de tristeza, presságio das desgraças que lhe estavam aparelhadas em

conseqüência da grande derrota a arrancada de Waterloo''<sup>10</sup>.

Foi a última vez que viu o antigo chefe.

Derrotado Napoleão, o procedimento de seus partidários, durante a Restauração, é revivido em romances de Stendhal, como **Le Rouge et le Noir** e **La Chartreuse de Parme**. O herói de **Le Rouge et le Noir** esconde debaixo do colchão um retrato do ex-Imperador. E, para fazer carreira, cultiva ardorosamente a hipocrisia. O herói de **La Chartreuse de Parme**, admirador e ex-combatente de Napoleão, sem renegar intimamente suas convicções, procura adaptar-se à sociedade adversa. Nas entrelinhas da autobiografia de Caetano, percebe-se alguma coisa dos heróis de Stendhal: sem queimar o que havia adorado, busca um acomodamento, tanto mais que sua condição de estrangeiro tornava mais delicada sua situação.

Assim como assistiu à trajectória do I Império, assim também será testemunha da sobrevivência lendária de Bonaparte que, politicamente, haveria de influir no estabelecimento do II Império. Em 1846, sob a monarquia burguesa de Luís Filipe, que se comprazia em flertar a legenda napoleônica, escreverá Caetano Moura uma biografia de Napoleão. E, atualizando, sob o governo de Napoleão III, em 1858, a **Geografia Universal**, de Adriano Balbi, entre outras modificações, retocou o texto para realçar a imagem de Napoleão.

Aí está um conjunto de fatos que se pode averiguar nas relações de Caetano Moura com o Imperador dos franceses. Se o compararmos aos grandes atores que contracenaram com Napoleão, aos seus marechais e generais, aos governantes, desde o Czar Alexandre até o papa Pio VII, ou se o confrontarmos com os que privaram da intimidade do herói, é o antigo cirurgião da Legião Portuguesa um modestíssimo figurante, perdido entre centenas e centenas de oficiais subalternos.

### 1.3.2 A lenda

A vida militar de Caetano Moura, sob a chefia de Napoleão, ganhou, porém, na imaginação de leitores e admiradores desmesuradas proporções. O ponto de partida dessa lenda não é bem determinado. Como à pátria longínqua chegavam notícias da pobreza de sua vida, deveriam também ecoar rumores de suas andanças napoleônicas. O ano de 1846 marca, sem dúvida, uma data segura — a publicação de sua **História de Napoleão Bonaparte**. Graças a esse livro, Caetano aparece não só como biógrafo, mas ainda como antigo combatente de Napoleão, já que, logo abaixo do título da obra vem estampada a seguinte indicação: **Dr. Caetano Lopes de Moura, Cirurgião-mor na Legião Portuguesa ao serviço do Imperador Napoleão**. E, na página em que é descrita a

batalha de Wagram, lemos esta nota:

“O autor desta obra se achou presente a esta memorável batalha, na qualidade de cirurgião-mor da Legião Portuguesa”<sup>11</sup>.

Se estas discretas informações não bastassem para fazer brotar a legenda napoleônica de Caetano Moura, poderiam certamente caucionar versões chegadas sobre o antigo cirurgião militar. E, por um deformante processo de comunicação, estreitaram-se, cada vez mais, as relações entre o escritor baiano e o Imperador dos franceses. Seriam duas, sobretudo, as deformações.

Uma delas se refere às campanhas de que teria participado. Engajado em 1808, Caetano Moura só se empenhou na campanha cujo desfecho foi a batalha de Wagram (1809), em que Napoleão derrotou a 5ª Coligação. E passou na retaguarda o resto de sua vida militar. No entanto, será fantasiosamente levado às enregeladas estepes russas que dizimaram o exército de Napoleão. Era estimulante para a imaginação representar o cirurgião baiano atravessando as águas encarameladas do Berezina! Na realidade, durante a campanha da Rússia, Caetano permaneceu na França, sendo uma de suas ocupações organizar, em Romans, um hospital destinado a prisioneiros russos.

A outra deformação é de maiores proporções: o modesto cirurgião é objeto de violenta promoção que o equipara aos grandes cirurgiões Percy e Larrey, mais precisamente, a Corvisart, médico de Napoleão. Em 1922, Manuel Querino podia escrever, sem pestanejar, que “Caetano fora médico particular de Napoleão Bonaparte”<sup>12</sup>. **O Médico de Bonaparte** — será o título de um artigo de Paulo Filho, publicado em 1941, no **Correio da Manhã**<sup>13</sup>. Nesse escrito, em que é alegado o testemunho de Manuel Querino, são detalhadas certas circunstâncias. Segundo Paulo Filho, o médico baiano foi “amigo e assistente de confiança de Napoleão Bonaparte, privando em Paris e na ilha de Elba com o grande guerreiro”<sup>14</sup>. Em sua exaltação lendária, o articulista, ao estreitar as relações de Caetano com Napoleão, escurece ao mesmo tempo a epiderme do mulato baiano:

“O êxito desse médico baiano, negro além do mais, que empolgara Napoleão, comovia-me”<sup>15</sup>.

A lenda seguirá seu caminho. Ao artigo de Paulo Filho, que tem por título — **O Médico de Bonaparte**, seguir-se-á outro, publicado em 1942, no **Jornal de Petrópolis**, da autoria de Nereu Rangel Pestana — **Petrópolis e o médico negro de Napoleão**. Inspirado por uma referência a Petrópolis, encontrada no livro traduzido por Caetano: **Dicionário geográfico, histórico e descritivo do Império do Brasil**, Nereu Rangel Pestana escreveu naquela folha elogioso artigo, no qual se

“Cirurgião-mor na legião portuguesa, a serviço de Napoleão, era, depois, médico da “Grande Armée”, na campanha da Rússia, e na ilha de Elba foi assistente de confiança do Grande Corso”<sup>16</sup>.

É uma ascensão comparável à daqueles personagens reais que, de simples soldados, chegaram, então aos mais altos postos: Caetano Moura íntimo de Napoleão Bonaparte!

#### 1.4 A AUTOBIOGRAFIA

As notícias que chegavam e ajudavam a romantizar a figura de Caetano Moura seriam trazidas por viajantes que tornavam a Europa, ou por via epistolar. Pouca coisa provém, na verdade, de seus livros, não muito apropriados a confidências. As mais importantes revelações fornecidas por sua obra talvez sejam as que se encontram nos frontispícios — naturalidade, engajamento nas hostes napoleônicas, em nota de sua biografia de Napoleão e em fugazes recordações de infância, inseridas em **Harmonias da Criação**. Mas deixou uma autobiografia.

Esta, no entanto, não obedeceu a uma compulsão, como as **Confissões** de Rousseau ou as **Memórias** de Chateaubriand. Ao escrever sua autobiografia, não fez mais que obedecer a um pedido de D. Pedro II. A começo, a divulgação de suas memórias teve um carácter restrito. Foram lidas pelo Imperador e áulicos. Um destes, o marquês de Sapucaí, a quem D. Pedro havia comunicado o documento, copia-o, do próprio punho, na íntegra. Falecendo Caetano Moura em 1860, a primeira parte do manuscrito original é oferecida ao Instituto Histórico e Geográfico pelo Imperador, que retém a segunda parte. Meio século depois de tê-la escrito, é que sua autobiografia aparece em letra de forma. Com efeito, em 1902, Ernesto da Costa Araújo Viana, neto do marquês de Sapucaí, em artigo publicado em **A Notícia**<sup>17</sup>, faz elogiosa referência à autobiografia, publicando-lhe alguns trechos. Naquele mesmo ano, voltando à carga, estampa o documento, na íntegra, no **Jornal do Comércio**<sup>18</sup>. Baseia-se a edição na cópia do marquês de Sapucaí. Em 1912, Alberto de Oliveira reproduz esta edição na **Revista da Academia Brasileira de Letras**<sup>19</sup>. Lê-se na introdução do Acadêmico:

“Há dez anos foi publicada no **Jornal do Comércio** um documento de grande valor para a história de nossas letras e cuja transcrição parece-nos acertado fazer nestas páginas”<sup>20</sup>.

Com a autobiografia, único texto de Caetano Moura editado e reeditado no Brasil, o autor é, de certo modo, promovido a personagem.

## 2 O INTERESSE PELA OBRA DE CAETANO MOURA

O interesse pela obra de Caetano Moura é um capítulo da história da sintonia, no século passado, entre uma editora parisiense, a Livraria Aillaud, e os leitores brasileiros. O estudo do saudoso mestre Vítor Ramos — *A edição de língua portuguesa em França*<sup>21</sup> faz entrever quanto foi fecunda a ação daquela casa, estabelecida, ao pé da letra, nas margens do rio Sena. Com representação nas principais cidades do Brasil, a Livraria Aillaud difundiu a mancheias a produção de uma de seus principais colaboradores, Caetano Lopes de Moura.

### 2.1 EXTENSÃO E VARIEDADE DA OBRA

Tornando-se escritor, com a idade de 57 anos, para garantir a subsistência, empunhou a pena com tenacidade, durante dez anos, isto é, de 1837 a 1847. Libertou-se dessa verdadeira escravidão, quando passou a receber a pensão concedida por D. Pedro II. Voltará depois a escrever, mais moderadamente, porém.

Publicou mais de trinta livros que versam sobre as mais variadas matérias, havendo-os de interesse e níveis diferentes. Afora os livros de carácter intencionalmente literário, vários se alinham, curiosamente, desde o puro amor de Deus até as mazelas do amor humano<sup>22</sup>. Didaticamente, poderiam distribuir-se em três grupos: traduções, edições e trabalhos da própria lavra. Mais da metade são traduções e, entre estas, predominam livros de ficção, destacando-se seis romances de Walter Scott: *O Talismã*, *Os Puritanos da Escócia*, *Quintino Doward*, *O Misantropo*, *Waverley*, *A prisão de Edimburgo*; dois romances de Fenimore Cooper: *O Piloto*, *O derradeiro Molcano*; um romance de Chateaubriand: *Os Natchez*. Acrescente-se a essa relação *Os Incas*, de Marmontel, que será o terceiro romance indianista traduzido por Caetano Moura.

Dentre as edições que preparou, sobressai a de poesias de D. Dinis, trabalho assim apresentado a D. Pedro II:

“(…) dou pela primeira vez a ler as trovas que um dos Augustos Progenitores de Vossa Majestade Imperial se deleitava em compor nos poucos momentos que lhe davam de folga os negócios do seu reino e a conservação da paz nos demais em que se achava repartida a península hispânica”<sup>23</sup>.

Depois de hibernarem, por mais de três séculos, na Biblioteca Vaticana, foi graças a Caetano Moura que vieram reflorir tantos versos que, hoje, são ritualmente reproduzidos nas antologias, como os seguintes:

— Ai flores, ai flores do verde pino,  
Se sabedes novas do meu amigo?  
ai, Deus, e u é?

Dos trabalhos de sua própria autoria, sobressairiam **História de Napoleão Bonaparte** e, particularmente, **Harmonias da Criação**.

## 2.2 TESTEMUNHOS DO SUCESSO

Foi Caetano Moura um escritor bastante lido no Brasil. Em 1844, ao ser apresentado para tornar-se sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, consta em sua proposta:

“Dr. Caetano Lopes de Moura, natural da cidade da Bahia, residente em Paris e bem conhecido pelas produções que tem dado à luz”<sup>24</sup>.

Que era “bem conhecido pelas produções que tem dado à luz”, mostra-o uma série de testemunhos. Ainda em 1844, a gazeta da Bahia, **O Comércio**, revela como o romance histórico de Walter Scott se tornara conhecido em virtude das **elegantíssimas traduções** de Caetano Moura:

“A prodigiosa celebridade do inimitável Walter Scott nos dispensa de dizer coisa alguma sobre o mérito de suas obras e, em particular, o desta (trata-se de **Waverley**), que é, sem dúvida alguma, uma de suas mais admiráveis produções; mas não podemos deixar de falar da tradução dela, pois é de uma elegância, fidelidade e pureza de linguagem tais que merecerá não só o aplauso geral dos amigos da boa literatura, mas deverá servir de modelo para os que d’ora em diante se aplicarem a traduzir na língua portuguesa obras de bom cunho. Não basta traduzir as palavras de uma língua por outras equivalentes, como fazem a maior parte dos tradutores; para que uma tradução seja bem feita, é necessário que o espírito e as belezas do original sejam substituídas nela por outras não menos elegantes, mas acomodadas ao gênio da língua em que se traduz. O Sr. Dr. Moura, nesta elegantíssima tradução, assim como nas anteriores, desenvolveu o gosto mais delicado e um conhecimento tão profundo da língua portuguesa que nos fazemos esperar com avidez outras traduções que sabemos ele prepara”<sup>25</sup>.

No ano seguinte, o mesmo jornal assim se refere a outra tradução de Caetano Moura:

“Este precioso escrito foi vertido em primoroso estilo pelo doutor Moura, tão conhecido hoje pelas suas excelentes traduções”<sup>26</sup>.

Em 1847, caberá a Inácio Accioli enaltecer as traduções de

Caetano Moura:

“Veja-se Rosely de Lorgues na sua apreciável obra **Jesus Cristo perante o século**, traduzida em Paris pelo ilustrado baiano o sr. Dr. Caetano Lopes de Moura, a quem a língua portuguesa deve tantas e tão apreciadas traduções, não obstante o que, lá vive pobre e esquecido dos seus e do nosso governo, que infelizmente parece ter em pouca conta os homens de verdadeiro merecimento literário”<sup>27</sup>.

Em uma de suas viagens através do Brasil, Saint-Hilaire teve como livro de cabeceira o **Dicionário geográfico, histórico e descritivo do Império do Brasil**, trabalho da autoria de Milliet de Saint-Adolphe, mas que só existe na tradução de Caetano Moura. Nem sempre o famoso viajante e naturalista concorda como o **Dicionário**. Mas o tem em grande consideração, qualificando-o com os seguintes adjetivos: **utile, estimable, excellent**<sup>28</sup>.

Não seria descabido conjecturar que o livro didático de Caetano Moura — **Epítome cronológico da História do Brasil** talvez tenha inspirado uma das mais conhecidas poesias de Castro Alves. Depois de se ler em **O Livro e a América**:

Por uma fatalidade  
Dessas que descem de além,  
O séc'lo que viu Colombo,  
Viu Guttenberg também...

depois da leitura desses versos, o primeiro parágrafo do **Epítome cronológico** parece ter um acentuado ar de família com aquela poesia:

“O século XV foi assinalado, entre todos os da nossa era, por dois fatos extraordinários que dilataram sobremaneira a esfera do humano entendimento e concorreram para o progresso da civilização. Tais foram: a invenção da tipografia por Guttenberg (1423 a 1462) e o descobrimento da América por Cristovão Colombo (de 1492 a 1498)”<sup>29</sup>.

E foi a leitura de **Harmonias da Criação** que inspirou o caloroso elogio de Sílvio Romero, citado anteriormente.

### 3 FLUXO E REFLUXO

A não reimpressão de um livro não constitui, por si só, uma prova de seu desvalor. Mas está caminhando para o esquecimento, quando se torna cada vez mais raro, mais difícil de ser encontrado. É o que está acontecendo à produção de Caetano Moura. Depois que desa-

pareceu seu principal editor parisiense, seus livros ficaram ao léu. A Garnier se dignou reeditar alguns de seus trabalhos. Mas, por introduzir algumas modificações no texto, sentiu-se na obrigação de passar em silêncio o nome de Caetano. O texto de **O Talismã**, de Walter Scott, publicado por aquela editora, afora algumas modificações, é evidentemente a tradução de Caetano Moura<sup>30</sup>.

Reflexo da rarefação dos livros de Caetano é o que se lê ou se deixa de ler em estudos recentes:

a. Antônio Cândido lhe atribui a tradução de romances de Marryat, autor que certamente Caetano não traduziu<sup>31</sup>.

b. Nelson Werneck Sodré assinala como trabalho importante um que seguramente não o é: sua edição do **Castrioto Lusitano**, de Rafael de Jesus, que, em matéria de edição é uma **edição livre**, como há **tradução livre**<sup>32</sup>.

c. Soares Amora houve por bem, como foi visto, omitir pura e simplesmente, em seu livro sobre o romantismo, o nome de Caetano Moura.

A desafeição a toda a obra de Caetano Moura não parece justa, embora se deva reconhecer que é desigual a sua produção. Por suas próprias características, seus livros didáticos não podiam normalmente ser duradouros. Entre os livros afetados por essa caducidade estão: **Mitologia da Mocidade**, **Dicionário geográfico, histórico e descritivo do Império do Brasil**, **Epítome cronológico da História do Brasil**. Apesar de ultrapassados, são, evidentemente, inestimáveis para estudiosos e pesquisadores. Observe-se que textos julgados desprovidos de interesse podem ganhar uma atração de curiosidade e estranheza como **O livro indispensável** que, entre outros conselhos **preciosos**, ensina como combater insetos, quando não havia inseticida, ou como fabricar, de modo caseiro e arcaico, leite em pó.<sup>33</sup>

No plano literário, há textos que envelheceram, como o romance de Chateaubriand **Os Natchez** que, mesmo na França não parece seduzir nem leitores nem editores. Também os romances de Walter Scott já não parecem empolgar, como em outros tempos. Até mesmo o estilo pode ser um obstáculo. Dessa maneira, em nossos dias, as **Máximas** de la Rochefoucauld parecerão mais fluentes na tradução de Oiticica do que na de Caetano. Embora esta última ofereça, mais de uma vez, achados felicíssimos.<sup>34</sup>

Apesar de todos os senões que impedem que a totalidade dos livros de Caetano Moura tenha as seduções de um **best-seller** não é aceitável que se fique impedido de ter acesso até eles. **Ficar impedido** é

a expressão, porque, no Brasil, parece que não há uma só biblioteca em cujo acervo se encontre a totalidade dos livros publicados por Caetano Moura. Nem a metade, nem mesmo um terço, a não ser que se trate de biblioteca de bibliófilo<sup>35</sup>. A Biblioteca Nacional de Paris, em virtude do *dépôt légal* possui quase toda a produção de Caetano.

Não bastaria facilitar aos pesquisadores o acesso aos livros do fecundo escritor. Alguma coisa de sua produção merecia ser reimpressa, em vista de um público mais vasto. Dentre seus livros o que, sem favor, é digno de ser reeditado é *Harmonias da Criação*, certamente, um pequeno tesouro da prosa em língua portuguesa. Com outros textos de Caetano, extraídos de livros de sua própria autoria ou de suas traduções, poderia ser organizada proveitosa antologia, segundo o modelo da coleção.... *par lui-même*, da editora Le Seuil, ou conforme a coleção *Écrivains d'hier et d'aujourd'hui*, da Seghers. Caberia, por exemplo, nessa coletânea, a página de Kotzebue na qual se exibem, em 1838, crueldades da escravidão<sup>36</sup>. Vários inéditos estão aguardando publicação, como sua correspondência, a crítica à *Confederação dos Tamolos*, a crítica à tradução da *Enelda*, feita por Odorico Mendes, a tradução de extratos de Barléu. Antes de tudo, porém, sua autobiografia, merecia nova edição, mais fidedigna. No momento em que a produção de Caetano Moura ia cair no purgatório ou nele já se encontrava, foi sua autobiografia que ajudou a manter lembrada uma vida singular, coroada por uma fecunda e relevante atividade literária, que vale a pena ser melhor conhecida.

1 Romero, Silvio. *História da literatura brasileira*. 6. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1960. v.5, p. 1590.

2 Trata-se do livro do Prof. Amora, A. Soares. *O romantismo*. São Paulo, Cultrix, 1969.

3 Arquivo Nacional. Rio de Janeiro. *Mordomia*. Livro 42, p. 73r. Cumpre-me consignar a solicitude com que fui atendido naquele Arquivo.

4 Silva, Ignacio Accioli de Cerqueira e. *A restauração da Cidade do Salvador, Bahia de Todos, na Província da Bahia, pelas armas de D. Felipe 4º, Rei das Hespanhas e Indias, publicada em 1628 por D. Thomaz Tamayo de Vargas, traduzida do hespanhol e adicionada com notas e uma carta topographica*. Bahia, 1847. — Cf. reedição da *R. Inst. Geogr. Hist. Bahia*, (56): 230-1, 1930.

5 *Ibid.*, p. 311-2.

6 Arquivo Nacional. Rio de Janeiro. *Registro de Decretos da Mordomia*, 1840-1846.

7 Macedo, Joaquim Manuel de. Discurso. *R. Inst. Hist. Geogr. Bras.*, (24): 809-11, 1861.

8 Moura, Caetano Lopes de. Biografia do Dr. Caetano Lopes de Moura escrita por ele mesmo. *R. Acad. Bras. Letras*, (9): 85, 1912.

9 Ibid., p. 93.

10 Ibid., (10): 208.

11 Moura, Caetano. *História de Napoleão Bonaparte*. Paris, J.-P. Aillaud, 1846. v. 2, p. 301.

12 Querino, Manuel. Os homens de cor preta na história. *A tarde*, Salvador, 3 ago. 1922.

13 Paulo Filho (pseud. João Paraguassu). O médico de Bonaparte. *Correio da manhã*. Rio de Janeiro, 27 fev. 1941.

14 Ibid.

15 Ibid.

16 Pestana, Nereu Rangel. Petrópolis e o médico negro de Napoleão. *Jornal de Petrópolis*, 28 ago. 1942.

17 Viana, Ernesto da Costa Araújo. Uma autobiografia. *A notícia*, Rio de Janeiro, 3 fev. 1902.

18 Moura, Caetano Lopes de. Biografia do Dr. Caetano Lopes de Moura escrita por ele mesmo. *Jornal do comércio*, Rio de Janeiro, 29 mar. 1902.

19 Id., ibid. *R. Acad. Bras. Letras*, (8): 277-93; (9): 75-96; (10): 205-30.

20 Oliveira, Alberto de. Caetano Lopes de Moura. *R. Acad. Bras. Letras*, (8): 273.

21 Ramos, Vitor. *A edição de língua portuguesa em França, 1800-1850. Repertório geral dos títulos publicados e ensaio crítico*. Paris, Centro Cultural Português / Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

22 Trata-se das seguintes traduções: — Eckartshausen. *Deus é todo puro amor; preces e orações cotidianas*, 1838. — Liancourt, Godde de. *Arte de se curar a si mesmo nas doenças venéreas com uma farmacopéia ou receituário correspondente*, 1839.

23 Arquivo Grão-Pará. Petrópolis. *Cartas ao Imperador, 24.09.1846*. Cumpre-me registrar a gentileza com que o Príncipe D. Pedro Gastão de Orleans e Bragança possibilitou o acesso, naquele Arquivo, aos documentos referentes a Caetano Moura.

24 Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Lata 342, pasta 39.

25 *O comércio*, Salvador, 27 mar. 1844.

26 Ibid., 19 fev. 1845.

27 Silva, Ignacio Accioli de Cerqueira e, op. cit., p. 230-1.

28 Saint-Hilaire, A. de. *Voyage dans les Provinces de Saint Paul et de Sainte Catherine*. Paris, A. Bertrand, 1851. 2v. passim.

29 Moura, Caetano. *Epítome cronológico de história do Brasil para o uso da mocidade brasileira*. Paris, J.-P. Aillaud, 1860. p.1.

30 A edição de Caetano Moura publicada pela Aillaud data de 1837. A da Garnier, de 1920.

31 Candido, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 2. ed. rev. São Paulo, Martins, 1964. v. 2, p. 122.

32 Sodré Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. 6. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976. p. 118.

33 Moura, Caetano. *O livro indispensável ou novíssima coleção de receitas concernentes às artes, ofícios e economia doméstica e rural, coligidas das obras mais célebres, recentemente publicadas em França e Inglaterra*. Paris, J.-P. Aillaud, 1845.

34 La Rochefoucauld. *Máximas e sentenças morais*. Traduzidas pelo Dr. Caetano Lopes de Moura, natural da Bahia, tradutor das obras de Walter Scott, Cooper, etc. Paris, J.-P. Aillaud, 1840.

35 Tal é o caso da preciosa biblioteca do historiador Renato Berbert de Castro, generosamente franqueada para este e outros trabalhos.

36 O trecho em questão se encontra no livro de Kotzebue. *Contos a meus filhos*. Paris, J.-P. Aillaud, 1838. v. 1, p. 120-5.

## RESUMO

Este artigo apresenta o escritor Caetano Moura, figura notável: a) por sua produção — autor de uns trinta livros, dentre os quais se destacam **Harmonias da Criação**, verdadeira joia da prosa em língua portuguesa, e várias traduções de ilustres romancistas do século passado, tais como Chateaubriand, Walter Scott, Fenimore Cooper; b) por sua vida — autêntico personagem de romance, graças a uma existência bastante aventureosa, vivida na Europa e particularmente na França napoleônica.

## RESUMÉ

Cet article présente l'écrivain Caetano Moura, figure remarquable: a) par son oeuvre — auteur d'une trentaine de livres, parmi lesquels se détachent **Harmonias da Criação**, authentique bijou de la prose en langue portugaise et plusieurs traductions d'illustres romanciers du siècle passé, tels que Chateaubriand, Walter Scott, Fenimore Cooper; b) par sa vie — véritable personnage de roman, grâce à une existence fort aventureuse, vécue en Europe et surtout dans la France napoléonienne.